

# b boletim



DA ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES EM ESTRUTURAS SINDICAIS  
MARÇO/ABRIL 2009

**23 MAIO**

15H00 • SALDANHA - MARQUÊS POMBAL • LISBOA

## MARCHA PROTESTO CONFIANÇA E LUTA!



**nova política  
uma vida melhor**

PCP-PEV



### TODOS NA MARCHA!

Em luta por melhores condições de vida e de trabalho, pelo direito ao emprego com direitos, mais e melhores salários e em nome dos ideais de Abril, vamos estar nesta **grande acção de luta por uma vida melhor.**

*Para levar mais longe a denúncia e o combate às injustiças, ao desemprego, à miséria e à corrupção (...) Uma marcha promovida no quadro da CDU, aberta à participação de todos os que se sentem atingidos nas suas condições de vida, na sua dignidade (...)\**

\* Excerto da declaração de Jerónimo de Sousa,  
Secretário-Geral do Partido Comunista  
Português

### PORQUE A LUTA CONTINUA

**VAMOS FAZER DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL E DO 1º DE MAIO  
DUAS GRANDES JORNADAS DE LUTA PELA RUPTURA COM A POLÍTICA DE DIREITA!  
CONTAMOS CONTIGO!**



No quadro do **Ciclo de Cinema/Debate**, intitulado

**O PCP e a Oposição em Portugal**, que se realiza na **Biblioteca-Museu República e Resistência** - espaço Cidade Universitária, na Rua Alberto Sousa, nº 10 A - Zona B do Rego:

**Dia 20 de Abril**  
Às 18h30

**A Revolta da Marinha Grande**

Seguido de Debate com **João Dias Coelho**, membro da Comissão Política do PCP

**Dia 27 de Abril**  
Às 18h30

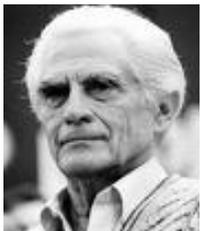
**A Conquista das Oito Horas de Trabalho e Dinis Miranda**

Seguido de Debate com **António Gervásio**, Dirigente histórico do PCP

**Avante!**

**LÊ e DIVULGA**

*O Militante*



### **As Seis Características Fundamentais de Um Partido Comunista** **Por Álvaro Cunhal**

O Camarada Álvaro Cunhal deixou-nos uma vasta obra, de importância e estudo fundamentais para o conhecimento e compreensão da realidade e da história do nosso país e do mundo. Pela actualidade de que se reveste, publicamos neste Boletim um excerto de uma intervenção enviada por Álvaro Cunhal ao Encontro Internacional "Vigencia y actualización del marxismo" realizado em Montevideo, em Setembro de 2001. **O excerto refere a importância para a sociedade da existência de partidos comunistas e as suas seis características fundamentais.** O texto seria demasiado extenso para o transcrevermos na íntegra, mas pode ser consultado na página web [www.lisboa.pcp.pt](http://www.lisboa.pcp.pt)

**Abril com a CDU!**

**Dia 20 de Abril**  
**Pátio Alfacinha**  
R. do Guarda-Jóias, nº 44,  
Ajuda  
**Jantar Convívio com**  
**Apoiantes da CDU**



**35º ANIVERSÁRIO DO**  
**25 DE ABRIL**

*Dá mais força à Liberdade*

**Sábado, 25 de Abril às 12h00**

**Convívio Comemorativo**  
**ALMOÇO VOLANTE**

**Auditório do CESP**

R. Almirante Barroso, 3

**Preço: 6,50€**

**Inscrições até 21 de Abril**

Telf: 21 358 33 34 - Leonor

**No dia 25 de Abril**  
**vamos todos participar no Grande**  
**Desfile Popular**  
**15h00 – Marquês de Pombal**

**CONTAMOS CONTIGO!!!**

*"(...) Com as características fundamentais da sua identidade, partidos comunistas são necessários, indispensáveis e insubstituíveis, tendo em conta que assim como não existe um "modelo" de sociedade socialista, não existe um "modelo" de partido comunista. Entretanto, com diferenciadas respostas concretas a situações concretas, **podem apontar-se seis características fundamentais da identidade de um partido comunista**, tenha este ou outro nome.*

**1ª – Ser um partido completamente independente dos interesses, da ideologia, das pressões e ameaças das forças do capital.** Trata-se de uma independência do partido e da classe, elemento constitutivo da identidade de um partido comunista. Afirma-se na própria acção, nos próprios objectivos, na própria ideologia. A ruptura com essas características essenciais em nenhum caso é uma manifestação de independência, mas

pelo contrário é, em si mesma, a renúncia a ela.

**2ª - Ser um partido da classe operária, dos trabalhadores em geral, dos explorados e oprimidos.** Segundo a estrutura social da sociedade em cada país, a composição social dos membros do partido e da sua base de apoio pode ser muito diversificada. Em qualquer caso, é essencial que o partido não esteja fechado em si, não esteja voltado para dentro, mas, sim voltado para fora, para a sociedade, o que significa, não só mas antes de mais, que esteja estreitamente ligado à classe operária e às massas trabalhadoras. Não tendo isto em conta, **a perda da natureza de classe do partido tem levado à queda vertical da força de alguns e, em certos casos, à sua autodestruição e desaparecimento.** A substituição da natureza de classe do partido pela concepção de um “partido dos cidadãos” significa ocultar que há cidadãos exploradores e cidadãos explorados e conduzir o partido a uma posição neutral na luta de classes – o que na prática desarma o partido e as classes explora - das e faz do partido um instrumento apêndice da política das classes exploradoras dominantes.

**3ª - Ser um partido com uma vida democrática interna e uma única direcção central.** A democracia interna é particularmente rica em virtualidades nomeadamente: trabalho colectivo, direcção colectiva, congressos, assembleias, debates em todo o partido de questões fundamentais da orientação e acção política, descentralização de responsabilidades e eleição dos órgãos de direcção central e de todas as organizações. A aplicação destes princípios tem de corresponder à situação política e histórica em que o partido actua. Nas condições de ilegalidade e repressão, a democracia é limitada por imperativo de defesa. Numa democracia burguesa, as apontadas virtualidades podem conhecer, e é desejável que conheçam, uma muito vasta e profunda aplicação.

**4ª - Ser um partido simultaneamente internacionalista e defensor dos interesses do país respectivo.** Ao contrário do que em certa época foi defendido no movimento comunista, não existe contradição entre estes dois elementos da orientação e acção dos partidos comunistas.

Cada partido é solidário com os partidos, os trabalhadores e os povos de outros países. Mas é um defensor convicto dos interesses e direitos do seu próprio povo e país. A expressão “partido patriótico e internacionalista” tem plena actualidade neste findar do século XX. Pode, na atitude internacionalista, incluir-se, como valor, a luta no próprio país e, como valor para a luta no próprio país, a relação de solidariedade para com os trabalhadores e os povos de outros países.

**5ª - Ser um partido que define, como seu objectivo, a construção de uma sociedade sem explorados nem exploradores, uma sociedade socialista.** Este objectivo tem também plena actualidade. Mas as experiências positivas e negativas da construção do socialismo numa série de países e as profundas mudanças na situação mundial, obrigam a uma análise crítica do passado e a uma redefinição da sociedade socialista como objectivo dos partidos comunistas.

**6ª - Ser um partido portador de uma teoria revolucionária, o marxismo-leninismo,** que não só torna possível explicar o mundo, como indica o caminho para transformá-lo. Desmentindo todas as caluniosas campanhas anticomunistas, o marxismo-leninismo é uma teoria viva, antidogmática, dialéctica, criativa, que se enriquece com a prática e com as respostas que é chamada a dar às novas situações e aos novos fenómenos. Dinamiza a prática, enriquece-se e desenvolve-se criativamente com as lições da prática. (...)”

## **EDITORIAL**

À continuação da política de direita do governo PS/Sócrates respondem os trabalhadores com a continuação e reforço da sua luta.

Os ataques aos direitos dos trabalhadores que se têm traduzido em despedimentos, precariedade de emprego, cerceamento da liberdade sindical, baixos níveis salariais, ou são oriundos do governo ou com a sua permissão, resultam directamente da política governamental.

As lutas dos trabalhadores, quer a nível de empresa, de sector, ou de carácter global têm conseguido alcançar algumas vitórias, têm travado alguns aspectos da ofensiva e impediram maiores consequências negativas para a vida dos trabalhadores.

Estas lutas, que mostram o reforço da sua consciência de classe e a sua determinação, têm agora um novo campo de acção. Os diversos actos eleitorais, que decorrerão este ano, Parlamento Europeu, Legislativas e Autárquicas devem servir para que os trabalhadores expressem claramente a sua oposição às políticas de direita e manifestem, nos diversos planos, a reivindicação clara de uma ruptura com essas políticas e a defesa de uma nova política alternativa de esquerda.

É altura de tomarmos como nosso o lema da juventude no seu Encontro do mês passado “**que a luta conduza ao voto**”

**Com o PCP e a CDU  
Abril de Novo!**



## Em Abril e Maio Vamos intensificar a luta

No dia 13 de Março mais de 200 mil trabalhadores de todo o país exigiram a mudança de políticas e um novo rumo para o país. Em 28 de Março – Dia Nacional da Juventude – milhares de jovens trabalhadores manifestaram-se contra a precariedade e pelo emprego com direitos. Já no mês de Abril realizaram-se, em vários pontos do país, Tribunas Públicas da CGTP-IN no âmbito da jornada mundial em defesa dos direitos dos trabalhadores e contra a exploração, promovida pela Federação Sindical Mundial – FSM. Muitos milhares de trabalhadores de todos os ramos de actividade dizem não à política de direita e lutam nas suas empresas e sectores em defesa dos direitos e dos contratos colectivos de trabalho, contra os despedimentos e o lay-off, por aumentos salariais dignos e melhores condições de trabalho.

A crise global do capitalismo veio agravar ainda mais a já profunda crise em que os sucessivos governos, e em particular o Governo do PS/Sócrates, mergulharam o país, com a destruição do nosso aparelho produtivo e a promoção da financeirização da economia ao serviço do grande capital. Políticas de direita que entregaram as alavancas fundamentais da nossa economia ao grande capital nacional e estrangeiro e apostaram num modelo baseado nos baixos salários e baixas qualificações.

A eleição do défice como questão central da sua política não só não resolveu os problemas da economia nacional como foram excedidas as previsões mais pessimistas, provocando uma grave situação de recessão económica com acentuada queda do produto nacional, encerramento de milhares de empresas, aumento brutal do desemprego, salários em atraso, agravamento da precariedade e quebras nos salários dos trabalhadores.



**Existe alternativa:  
Desenvolver a luta pela ruptura com as  
políticas de direita e por uma política de  
esquerda que sirva os interesses dos  
trabalhadores, do povo e do país!**

Portugal precisa de uma política de ruptura com as orientações que têm conduzido o país ao atraso e de medidas que no imediato atenuem os efeitos da crise, dirigidas aos trabalhadores e populações carenciadas e às micro, pequenas e médias empresas e sectores produtivos. Medidas que travem os encerramentos, o desemprego e o lay-off abusivo e de valorização dos rendimentos do trabalho e combate à precariedade.

**Com três actos eleitorais em perspectiva, os trabalhadores e o povo português têm a possibilidade de com a luta e com o voto responsabilizarem os causadores da situação que vivemos.**



**É fundamental dar continuidade às grandiosas movimentações de massas realizadas, esclarecer e mobilizar os trabalhadores e as populações, intensificar a luta trazendo às comemorações do 25 de Abril e do 1º de Maio a exigência da defesa das conquistas da Revolução, por melhores salários e pelo trabalho com direitos, transformando-as em duas jornadas de luta pela ruptura com a política de direita que conduziu o país à actual situação e a sua substituição por uma política que reponha Portugal nos caminhos de Abril.**



## ONTEM, HOJE E SEMPRE!

Centenas de camaradas encheram o Salão Nobre da Voz do Operário, no passado dia 6 de Março, para celebrar a uma só voz os 88 anos do Partido Comunista Português.

E foi, como nos é característico, num ambiente caloroso, alegre, fraterno e solidário que brindámos ao Partido que fomos, somos e queremos ser:

- Um Partido Marxista-Leninista, da classe operária e de todos os trabalhadores,
- Um Partido de massas, que luta contra a exploração do homem pelo homem e contra a opressão capitalista,
- Um Partido que luta pela liberdade, pela democracia, pelo progresso social, pela independência nacional e pela paz,
- Um Partido que luta por Abril e pelo Socialismo.

Num quadro pautado pelo agravamento da crise do capitalismo e das suas consequências nos planos económico, social e político, agudizam-se e agravam-se os ataques aos trabalhadores e aos direitos conquistados ao longo de anos de resistência e luta.

Perante o agravamento das condições de trabalho e de vida, perante o aumento do desemprego e das injustiças sociais que grassam, dia-a-dia, a nossa sociedade, muitos são os milhares de trabalhadores que não se calam e fazem ouvir as suas vozes – nas ruas, nos locais de trabalho, nos transportes públicos, nos centros de saúde, nos hospitais, nas escolas...

E é perante esta expressão massiva do descontentamento que o Governo PS de José Sócrates afirma, arrogantemente, não ouvir as vozes da rua e não ceder a pressões, esquecendo-se de dizer que antes cede às pressões dos grandes grupos económicos, ditadas em nome do capital. Esquecendo-se de tudo fazer para que a crise seja paga por quem a gerou, antes insiste na ideia de que a crise tem que ser paga por quem trabalha.

Mas por muitos e muito fortes que sejam os ataques desferidos contra os trabalhadores, hoje como ao longo destes 88 anos, não calarão a voz deste grande colectivo partidário. Hoje, como no salão da Voz, a voz é só uma e grita bem alto **AVANTE! Por um PCP Mais Forte!**

**AVANTE!** Porque continuaremos a lutar dia-a-dia, todos os dias, lado a lado com os trabalhadores e o povo, pela ruptura com a política de direita, por um novo rumo, em defesa dos valores de Abril e da Constituição da República Portuguesa.

**AVANTE!** Porque no ano em que comemoramos 35 anos sobre as portas que Abril abriu, 35 anos de liberdade, é com esse espírito, com essa vontade e com essa determinação que vamos marcar presença na **Marcha de Protesto, Ruptura e Confiança**, que se vai realizar em Lisboa no dia **23 de Maio**.

**Em luta por melhores condições de vida e de trabalho, pelo direito ao emprego com direitos, mais e melhores salários e em nome dos ideais de Abril, vamos estar nesta grande acção de luta por uma vida melhor.**

*Para levar mais longe a denúncia e o combate às injustiças, ao desemprego, à miséria e à corrupção (...) Uma marcha promovida no quadro da CDU, aberta à participação de todos os que se sentem atingidos nas suas condições de vida, na sua dignidade (...)\**

\* Excerto da declaração de Jerónimo de Sousa, Secretário-Geral do Partido Comunista Português



**Uma marcha aberta a todos os que acreditam que com vontade, com trabalho, com honestidade e competência, com determinação e luta Sim, É Possível uma Vida Melhor!**

## 6 ANOS DE OCUPAÇÃO DO IRAQUE E 60 DA PALESTINA

**A Palestina e o Iraque são dois dos exemplos mais chocantes da agressividade imperialista, traduzida em prolongados e brutais massacres dos dois martirizados povos.**

**No Iraque** e em consequência de um impiedoso bloqueio de 12 anos, seguido da criminosa, ilegal e brutal invasão e ocupação, que dura há 6 anos, morreram mais de 1 milhão e meio de iraquianos e 4 milhões estão refugiados no interior ou no estrangeiro. Destruiu-se todo um país, incluindo muito da sua milenar cultura, o tecido produtivo quase não existe, o desemprego ronda os 52%, as carências alimentares, de água potável e de energia são gritantes e no plano dos cuidados de saúde vive-se uma autêntica catástrofe que todos os dias faz novas vítimas inocentes.

Num país ocupado por mais de 150 mil tropas regulares estrangeiras e de 200 mil mercenários a soldo dos EUA e seus aliados e com um governo colaboracionista, não é possível falar-se de estado e

muito menos de actividade económica, liberdade sindical ou de existência de legislação laboral e social minimamente defensora dos direitos sociais e sindicais.

A legislação sindical iraquiana é profundamente hostil aos sindicatos:

- Proibição de sindicalização na administração pública;
- Legislação laboral que não respeita as normas da OIT;
- Património sindical confiscado e congelado.

O trabalho infantil e forçado é generalizado, bem como todo o tipo de discriminações no trabalho e no emprego.



FONTE: CPPC, disponível em [www.cppc.pt](http://www.cppc.pt), extraída em

Aliás, no que respeita à situação económica, o petróleo continua a ser a principal fonte de rendimentos, já que a invasão e a ocupação destruíram a maior parte das infra-estruturas económicas, o que conduziu a um agravamento brutal do desemprego. Mesmo os rendimentos do petróleo não são suficientes para criar riqueza e emprego, já que as multinacionais estrangeiras, ao serviço das forças ocupantes, sugam praticamente todos os lucros, além de que o “governo” iraquiano não adopta políticas redistributivas, nem existe investimento no sector produtivo.

Neste quadro de grande sofrimento para os trabalhadores e para todo o povo, cresce a cada momento a resistência e luta contra os ocupantes. Mais de 4500 soldados americanos já morreram, 40000 foram feridos, 3 mil desertaram e outros 3 mil enfrentam problemas mentais.

A Frente Patriótica Iraquiana, que agrupa todas as forças da resistência nacional, está cada vez mais próxima de libertar o seu país. A própria CNN e o jornal americano USA Today reconheceram recentemente que a Frente tem o apoio de 90% dos iraquianos.

Por isso Obama fala já em abandonar o Iraque. Mas como a Resistência afirma, tem de o fazer imediatamente e sem condições, pedir formalmente desculpas ao povo Iraquiano, compensá-lo pelos enormes danos humanos e materiais e entregar o poder aos legítimos representantes do povo e acabar de uma vez por todas com o embuste do apoio ao governo fantoche.

Será esse o caminho que a Resistência trilhará, sem hesitações, sejam quais forem os sacrifícios, até à

vitória, até à reconquista de um Iraque livre, independente e soberano.

**Na Palestina**, prossegue e aprofunda-se a brutal ocupação sionista de Israel, com o apoio descarado, em milhões de dólares para armas e tecnologia, dos EUA e com a conivência da própria União Europeia.

Prossegue incessantemente a construção do Muro e dos colonatos, que deixaram os territórios palestinianos com apenas 22% da terra que tinham em 1967! A comunicação da Cisjordânia com Gaza está cortada, circular dentro da própria Cisjordânia ou em Jerusalém é cada vez mais um verdadeiro acto de heroísmo para os palestinianos, presos na sua própria pátria, limitados em todos os seus movimentos, uma verdadeira punição colectiva! À invasão e massacre de Gaza e de outros no passado recente, como o de Jenin, soma-se o massacre diário das detenções arbitrárias, dos bloqueios, das humilhações, das expulsões de casas e de terras, enfim das mais torpes violações dos direitos humanos.



É preciso também referir que a actividade económica não está apenas destruída em Gaza, em resultado de um prolongado bloqueio e sobretudo do brutal massacre de Dezembro e Janeiro, que arrasou todas as infra-estruturas daquela faixa. Na verdade, a situação do trabalho e do emprego na Cisjordânia é também deveras preocupante. A construção do muro e o aumento dos colonatos e todas as brutais limitações à circulação dos cidadãos palestinianos, através dos *checkpoints*, limitam toda a circulação dos palestinianos afectando, em primeiro lugar, os seus trabalhadores.

Na realidade, antes dos acordos de Oslo, cerca de 215 mil palestinianos trabalhavam em Israel e agora esse número não ultrapassa os 8 mil.

Mesmo os poucos Palestinianos que conseguem uma autorização para exercer uma actividade em Israel ou nos colonatos, fazem-no privados de qualquer direito laboral ou sindical, sendo vítimas de enormes discriminações, em comparação com os trabalhadores israelitas.



Um trabalhador palestino que seja detectado sem documentação é condenado a dois meses de prisão e 600 euros de multa. Quando conseguem trabalho, e apenas o conseguem na agricultura ou na construção, têm salários, em média, três vezes inferiores aos israelitas. Recebem ao dia e trabalham, em média, apenas 3 meses por ano. Não têm qualquer protecção legal, segurança no trabalho e desempenham as funções mais perigosas. Muitos morrem devido a estas condições e outros são assassinados. Outros são ainda roubados pelos patrões israelitas, com a colaboração da polícia e do exército. Nestes casos, não têm direito a recorrer à lei nem sequer ao testemunho dos seus colegas de trabalho.



Além disso, a separação geográfica entre a Cisjordânia e Gaza torna ainda mais difícil a procura de emprego, seja dentro dos territórios palestinos, seja em Israel. Na faixa de Gaza existem cerca de 85% de desempregados, 62% na Cisjordânia. A taxa de pobreza estará neste momento em torno dos 80%. E é bom não esquecer que a maioria dos mortos em Gaza foram trabalhadores e as suas famílias e que, também na Cisjordânia, são os trabalhadores os principais alvos da repressão exercida pelas forças ocupantes.

Na Cisjordânia, o pouco emprego que existe é, fundamentalmente, garantido pelos serviços públicos dirigidos pela Autoridade Nacional Palestiniana, para além de alguns empregos de comércio, serviços, restauração, pequena agricultura e pouco mais.

Apesar de todas estas dificuldades, existem 3 centrais sindicais na Palestina, sendo que todas declaram a vontade de trabalhar no sentido de se unificarem, para enfrentar unidas a ocupação e contribuir para a libertação do seu povo, com o objectivo supremo de construir um Estado palestino soberano e independente.

Infelizmente, a central sindical israelita, HISTADRUT, está cada vez mais ligada às políticas sionistas da ocupação, testemunhadas pela vergonhosa posição que assumiu de apoio descarado ao recente massacre de Gaza. É sintomático que Amir Peretz, um ex-secretário geral dessa central sindical, tenha sido, em 2006, o comandante militar da invasão do Líbano.

Mas isto também não surpreende quando vemos que o próprio Partido Trabalhista de Israel e o seu líder Ehud Barak, acabam de entrar para um dos governos mais à direita da história de Israel, em que além do ultra-direitista Netanyahu como primeiro-ministro, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Liebermann, representa um partido da extrema-direita racista que, na campanha eleitoral, afirmava que “ um bom árabe é um árabe morto”!

Por isso não se avizinham dias fáceis para a **heróica resistência Palestiniana**, que, apesar deste difícil contexto, **luta e lutará, sem desfalecimentos, pelo cumprimento de todas as resoluções da ONU que exigem:**

- **O fim da ocupação israelita e reconhecem o inalienável direito do povo Palestino a construir uma pátria livre, soberana e independente, nas fronteiras de 1967, com capital em Jerusalém Leste;**
- **O regresso dos cerca de 5 milhões de refugiados Palestinos;**
- **O fim da construção do muro e dos colonatos;**
- **A libertação dos cerca de 11 mil presos palestinos em cadeias israelitas.**



É urgente e é imperioso reforçarmos a solidariedade dos comunistas, dos trabalhadores e do povo português para com os trabalhadores e povos Iraquiano e Palestino mas também com os povos do Líbano, da Síria, do Afeganistão e outros.

É preciso, agora que se avizinham as eleições para o Parlamento Europeu, exigir que Portugal e a UE se demarquem, de uma vez por todas, das posições dos EUA e que ponham fim à vergonhosa convivência com o estado sionista de Israel.

**Os deputados do PCP e da CDU ao próximo Parlamento Europeu, estarão na primeira linha da luta por estas exigências, estarão activamente empenhados na urgente solidariedade com todos os trabalhadores e povos do Médio Oriente, vítimas de agressões, ocupações e ingerências.**

## CRISE e LUTAS no MUNDO

Os defensores e promotores do capitalismo globalizado já não estão em condições de esconder a dimensão e profundidade da crise, inerente ao próprio sistema.

Uma crise que não era imprevisível. Quantas vezes não avisámos, nós Partido, nós Movimento Sindical, sobre a escandalosa e perigosa subordinação da economia real e produtiva à desenfreada especulação financeira?

Quantas vezes dissemos que era preciso pôr fim à desregulamentação económica, financeira, laboral e social? E que o Estado tinha de assumir um papel não só regulador mas determinante na condução de toda a actividade económica, que as suas funções sociais estavam a ser destruídas, que era necessário pôr fim à onda privatizadora?

E dissemos também que os direitos laborais e sociais não podem ser vistos como privilégios. Em Portugal, na Europa e no mundo atacou-se e limitou-se o poder de negociação dos sindicatos, manipulando-se o conceito de competitividade, ligando-o à busca do lucro imediato, à custa da redução dos salários reais e da tentativa do aumento do horário de trabalho.

A consequência principal desta brutal ofensiva foi o aumento desenfreado das desigualdades sociais e da distribuição da riqueza.

A despesa pública era vista como inimiga dos défices enquanto todo o apoio era concedido ao capital privado e à especulação.

É claro que se mantém hoje toda esta dualidade. O que se verifica é que alguns governos intervêm agora, com o dinheiro dos contribuintes, para salvar bancos e instituições financeiras ou mesmo empresas que declaram falências fraudulentas. É o regabofe de milhares de milhões para recompensar os culpados da crise, à custa de quem tem feito todos os sacrifícios.

Estas medidas paliativas não podem ter resultado positivo a médio ou a longo prazo, pois esses governos e forças políticas que as defendem e promovem estão a aprofundar as suas políticas anti-populares e anti-sociais, como se vê, entre outro exemplos, na proposta de Directiva da UE sobre o tempo de Trabalho ou no Código de Trabalho do Governo PS/Sócrates.

Em todo o mundo, o momento é de resistência e luta contra aqueles que querem fazer os trabalhadores e as camadas mais desfavorecidas pagar a crise germinada e provocada pelos todos poderosos patrões das multinacionais e pelos governos e forças políticas ao seu serviço.

Os partidos comunistas e de esquerda, os trabalhadores e o movimento sindical mobilizam-se nas ruas e nos locais de trabalho e cresce a consciência da necessidade de exigir uma clara mudança de rumo, para políticas alternativas e para uma alternativa política anti-capitalista.

Os tempos que vivemos são particularmente difíceis para os trabalhadores e para os povos. **É necessário reforçar a organização dos trabalhadores nas suas empresas e locais de trabalho para poder defender o emprego, os direitos, os salários e as conquistas sociais que estão gravemente ameaçadas. Mas este é também o momento para os trabalhadores aproveitarem a oportunidade histórica para desmascarar o capitalismo e, através da luta, construir caminhos de emancipação e de alternativa.**

Por isso lutámos em massa, unidos na **CGTP-IN**, no passado dia 13 de Março. Por isso lutaram os **trabalhadores franceses**, em Janeiro e Março, em grandiosas greves e paralisações. Por isso se mobilizaram centenas de milhar de **trabalhadores irlandeses** no dia 21 de Março, quase 1 milhão de **brasileiros** a 30 de Março, milhões de **gregos** no passado dia 2 de Abril e **italianos** no passado dia 4 de Abril, bem como muitos milhares na **Bulgária, na Lituânia e Letónia**. A FSM organizou, no dia 1 de Abril, em todo o mundo, com a participação de milhões de trabalhadores, um Dia Internacional de Luta pelos Direitos dos Trabalhadores, Contra a Exploração. Por razões semelhantes paralisarão em datas diferenciadas, até final de Abril, trabalhadores e sindicatos no **País Basco**, no **Perú**, na **Argentina**, no **Chile** e em tantos outros países de vários continentes.

**Continuemos nós a luta, em 25 de Abril e no 1º de Maio, levando a luta até ao voto no próximo dia 7 de Junho.**

**Lutamos e lutaremos para vencer a crise, abrindo caminho à urgente ruptura, para um Portugal que retome Abril e para um “outro mundo” necessário e possível.**